

CATEQUESE E COMUNIDADE CRISTÃ

Juan A. Ruiz de Gopegui SJ

RESUMO: O artigo, após analisar as diversas etapas da renovação catequética, sugere que muitas das dificuldades que a catequese experimenta nascem da falta de consciência de que a comunidade eclesial é o sujeito principal da catequese. Sem negar o ministério específico dos catequistas, isso significa que toda a vida da comunidade – sua estruturação comunitária, suas celebrações litúrgicas, sua ação missionária, seus serviços sociais e atitudes políticas – deve ser catequese viva, contribuindo para o crescimento da fé de cada membro da comunidade. Exige também a interação entre o ministério específico dos catequistas e a vida da comunidade, que por sua vez deverá refletir o que é transmitido nas catequese específicas. No nível universal: Renovação conciliar da Igreja e Catequese renovada se condicionam reciprocamente.

PALAVRAS-CHAVE: evangelização, catequese renovada, catequese querigmática, catequese narrativa, iniciação cristã.

ABSTRACT: After analysing the various steps of catechesis renewal, the article suggests that much of its difficulties come from not being aware that the ecclesial community is the main subject of the catechesis. Without denying the specific ministry of catechist, it means that the whole community life – its communal structure, liturgical celebrations, missionary action, social services, and political attitudes – should be an active catechesis, contributing to the faith growing of each member of the community. It demands an interaction between the specific ministry of catechists and community life, which by its nature shall reflect what is communicate in the specific catechesis. In the universal level: Conciliar renewal of the Church and catechesis renewal should be intrinsically connected.

KEY-WORDS: evangelization, renewal catechesis, kerygmatic catechesis, narrative catechesis, Christian Initiation.

A catequese como iniciação à vida em Cristo

A catequese pode ser considerada como um dos elementos do processo, mais amplo, da evangelização. Giraria em torno à tentativa, sempre renovada, da formulação da totalidade da fé e da vida da Igreja dentro do universo cultural de uma pessoa e da sua comunidade.

O processo da evangelização é o processo da tradição da fé. O que a comunidade cristã recebe do seu fundador e deve transmitir ao longo da história não é um sistema doutrinal, mas *uma vida*: “Continuai a caminhar no Cristo Jesus, o Senhor, tal como o recebestes” (Col 2,6).

Mas, como afirma a exortação apostólica *Catechesi Tradendae*¹, “bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias.”

Assim concebida, a catequese identifica-se praticamente com a evangelização, embora salientando o aspecto de formulação da vida cristã numa linguagem significativa para alguém que sempre está geográfica e historicamente situado.

Os primeiros cristãos chamavam a fé de *caminho*: um estilo de caminhar na história configurado por Cristo, uma “vida em Cristo”, assim caracterizada não apenas por ter como modelo o caminhar do Cristo, mas por proceder constantemente do Senhor ressuscitado, da sua ação através do Espírito. A Igreja recebe esta vida e a transmite. Receber (*paralambáno*) e transmitir (*paradídomi*) são os verbos consagrados no Novo Testamento para designar o processo da tradição da fé (*parádosis*)².

Por envolver a transmissão de uma vida que tem sua origem em Cristo, a evangelização não pode ser reduzida à comunicação de uma mensagem ou de uma doutrina. Ela abrange toda a vida da Igreja: o serviço da Palavra, o serviço dos sacramentos e o serviço da caridade ou ação transformadora do mundo, pelo Evangelho³.

A catequese, mesmo quando considerada apenas como um dos elementos constitutivos da evangelização, deve necessariamente acompanhar todo o seu processo. A vida humana, sendo necessariamente “linguagem”, busca

¹ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Catechesi tradendae*, 1979, n. 1.

² Tratei disto mais extensamente em “Catequese e Tradição da Fé”, em *Síntese Política Econômica Social*, n. 11 (1977) 13-16.

³ “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição”. PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi*, n. 14.

incessantemente exprimir-se em palavras coerentes. A vida cristã consequentemente se traduz numa doutrina. A *didaqué* ou doutrina cristã não é mais do que a expressão, em linguagem coerente, da fé ou da “vida em Cristo”, num horizonte cultural determinado. Sendo os horizontes culturais sempre diversos, e a vida cristã um processo nunca terminado da ação do Espírito nos corações humanos, não pode existir formulação da fé que possa ser dita simplesmente “a doutrina cristã”, de forma que bastasse sua simples repetição para garantir a autenticidade da vida cristã.

Podem existir “formulações normativas” da doutrina cristã, mas elas não podem ser ditas simplesmente “a doutrina cristã”. A doutrina apostólica, fixada nos escritos do Novo Testamento, é a norma da doutrina cristã. Mas esses escritos, não obstante sua normatividade para a fé da Igreja, não dispensam as comunidades cristãs de paciente e sempre renovada hermenêutica, sob pena de cair no fundamentalismo, que é a mais perniciosa deturpação das crenças religiosas.

Devido ao caráter dos escritos neotestamentários, a sua utilização como norma da doutrina cristã é sumamente complexa. A Igreja teve que recorrer a fórmulas auxiliares para o reto exercício da normatividade bíblica. Surgiram assim os “credos” ou “símbolos da fé” que tratam de expressar em fórmulas breves o essencial da doutrina neotestamentária.

Tais formulações não dispensam da necessidade da explicitação e desenvolvimento do seu conteúdo em escritos mais longos, situados no contexto cultural das pessoas e das comunidades.

Sendo a fé dom de Deus, resposta suscitada por seu Espírito no coração de alguém agraciado com uma Palavra divina, reconhecida como tal no santuário recôndito e sagrado da consciência, a evangelização e a catequese não podem ser mais do que “preparação” dos caminhos do Senhor.

Como a etimologia do termo *catequese* sugere, suas palavras são apenas propedêutica para que outra palavra possa *ecoar* no coração do ouvinte das palavras da Igreja: a Palavra de Deus⁴.

A Igreja antiga sabia muito bem disso quando instituiu o **catecumenato**, não como mera doutrinação, mas como iniciação gradual à vida de uma comunidade chamada a “viver pelo Espírito do Cristo, o Filho de Deus”. Com a novidade “escandalosa” que isso pressupõe: afirmar que Outro ser dentro de nós está vivendo nossa vida, dando-lhe um sentido que trans-

⁴ *Katekhein*: instruir com palavra, fazer ressoar. Em grego profano, a palavra catequese “conserva seu primitivo significado de ‘retumbar’, ‘ressoar’ (cf. *ekho*, eco). Não há dúvida de que dele deriva seu significado corrente no uso eclesiástico: a mensagem de Deus soa diante dos humanos ou ressoa, segundo as palavras do ofício litúrgico próprio dos Apóstolos, tomadas do salmo 18: *in omnem terram exivit sonus eorum* (seu pregão saiu por toda a terra)”. J.A. JUNGSMANN, *Catequética*, Barcelona: Herder, 1966, p. 13.

cente todas as aspirações humanas. Através dele olhamos o mundo e nele o mundo nos é oferecido e confiado como tarefa e missão.

Objetivo último da catequese é preparar a “experiência”, sempre pessoal e singular, embora sempre no seio de uma comunidade evangelizadora, do encontro com Deus em Jesus Cristo⁵.

Paulo intuiu perfeitamente o que isso significa, em contraste com a concepção farisaica da instituição religiosa. Ao ser iniciado em uma vida guiada pelo Espírito de Cristo, abre-se ao cristão o caminho para a liberdade em relação a toda instituição humana e às suas leis, porque não existe outro Senhor senão Deus, nem mais lei do que a lei do Espírito. Isso se aplica também à instituição eclesial e faz, da mensagem de Jesus Cristo, Evangelho – boa nova. A Igreja existe do Evangelho e para o Evangelho, e não o Evangelho por causa da Igreja e para a Igreja.

Iniciar à vida na comunidade cristã é iniciar a uma vida de relação íntima com o Mistério do próprio Deus revelado em Jesus Cristo, que abre novas formas de relacionamento com o irmão e com o mundo. Essa é a força e o atrativo da Palavra que deve ressoar nas palavras da catequese, palavras que giram sempre em torno à evocação da memória de Jesus. Essa força, que é o sopro do Espírito, lembrando e atualizando as palavras de Jesus, levou muitos dos iniciados na vida guiada pelo Espírito de Cristo a enfrentar corajosamente a perseguição e a morte, para não perder uma vida, que ao revelar-se como vida de Deus no coração humano, revela-se como vida eterna.

O declínio da catequese como iniciação: ambigüidades da aliança do Evangelho com o poder

Com o advento da cristandade medieval, na qual o indivíduo tornava-se membro da Igreja pelo fato de ser súdito do Imperador, a ação lenta do testemunho cristão de uma comunidade e o processo prolongado do catecumenato, como iniciação à vida da comunidade cristã, foram substituídos pela exposição sumária das verdades cristãs a povos rudes e guerreiros, seguida de “conversões” e batismos em massa.

Na medida em que a sociedade, como um todo, manteve instituições e costumes que ajudavam a transmissão da fé, a vida cristã continuou a dar frutos. Mas, aos poucos, ao faltar uma iniciação mais profunda e personalizada à vida eclesial, a experiência cristã degenerou facilmente em prática rotineira e vazia. A pregação era, com frequência, descuidada pelos párocos,

⁵ No meu livro *Conhecimento de Deus e Evangelização: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977, trato de deduzir desse princípio os fundamentos da configuração da catequese.

ou se perdia no acessório. Quando existiu, o seu conteúdo deixou de lado a narração das grandes linhas da história da salvação, que se davam por supostas, centrando-se na exposição de “verdades particulares”: as virtudes e os vícios, as devoções aos santos, a prática de determinados sacramentos.

O modelo de Igreja da cristandade, apoiado na aliança entre o poder espiritual e poder temporal, começava a manifestar a ambigüidade do anúncio do Evangelho a partir da ótica do poder. O primeiro fruto amargo dessa ambigüidade foi a separação das Igrejas do Oriente e do Ocidente, consequência da ruptura de Roma com Constantinopla.

Desde o século XIII, surgiram no ocidente cristão insistentes e repetidas vozes de caráter profético, convidando a Igreja à conversão ao Evangelho. Espirituais e místicos, por um lado, teólogos, por outro, propugnavam uma configuração eclesial mais evangélica. Lamentavelmente muitas dessas vozes foram silenciadas e até sufocadas na fogueira – o mais triste dos extremismos a que a impossível aliança entre o poder e o anúncio da boa nova aos pobres pôde chegar⁶.

No século XVI, esses movimentos de conversão encontraram em Martinho Lutero – devido a sua profunda e emotiva religiosidade, ao vigor do seu pensamento teológico, alimentado na meditação assídua da Escritura, e à paixão de sua ação reformadora – uma voz capaz de mobilizar os anseios de reforma que vinham fermentando durante séculos.

Luzes e sombras da reforma: consequências para a catequese

Infelizmente os males da cristandade tinham chegado a tal ponto e os condicionamentos da aliança com o poder eram tamanhos, que os impulsos de reforma tiveram a triste consequência da divisão da Igreja do Ocidente. Ambos os lados da contenda reconhecem hoje a culpa. Ambos sabem pedir perdão. Saberão, no entanto, caminhar para uma verdadeira conversão?⁷

Neste estudo interessam-nos as consequências dessa situação para a catequese, ou seja, para o processo de iniciação cristã.

Lutero propunha com clareza meridiana dois princípios fundamentais da vida cristã. O primeiro: a salvação não se consegue por gestos rituais, ou

⁷ Ver o excelente documento do GRUPO DE DOMBES, *Pour la conversion des Églises*, Paris: Centurion, 1991, também em *Documentation Catholique*, n° 2033 e 20034 (1991) 733-753 e 781-790.

⁶ Jan Hus (1370-1415) pagou com a condenação à fogueira sua contestação eclesiológica, que propugnava uma reforma da Igreja necessária e urgente. Cinco séculos depois, um teólogo católico pôde escrever um artigo intitulado “Jan Hus’s *De Ecclesia* precursor of Vatican II” (D. DIDOMIZIO, *ThSt* 60 [1999] 247-260).

práticas religiosas, como peregrinações, esmolas, novenas, indulgências, mas se recebe de Deus, como dom gratuito, pela fé em Jesus Cristo. O segundo: toda autoridade na Igreja está submetida à Palavra de Deus – ser cristão é obedecer à Palavra de Deus.

A primazia da Palavra divina para a vida cristã induziu Lutero a traduzir a Bíblia ao alemão. Mas ciente de que a Bíblia, quando não interpretada na tradição eclesial, poderia servir a qualquer propósito “como nariz-de-cera”, diante da situação de ignorância de grande parte do clero e conseqüentemente do povo, julgou oportuno redigir e publicar dois compêndios de doutrina cristã: *Catecismo maior* para o clero e *Catecismo menor* para o povo⁸. Este último, com breves fórmulas para a oração. Graças à difusão da imprensa eles, junto com a Bíblia em vernáculo, tornaram-se a base da instrução paroquial e da religião familiar. A liturgia, que começava também a ser celebrada na língua materna dos fiéis e dava ênfase à explicação das leituras bíblicas, contribuiu igualmente para a formação e a apropriação do evangelho pelos fiéis.

A reforma de Lutero era moderada. Não pretendia mais do que renovar a Igreja: torná-la mais evangélica. De forma alguma queria Lutero fazer uma outra Igreja paralela. Se, por uma série de circunstâncias, acabou rejeitando a obediência ao Papa, o fez motivado pelo dever de consciência de obedecer à Palavra de Deus, embora na radicalização da Reforma intervieram também outras causas de caráter social e político.

Os benefícios que a Reforma trouxe à catequese decorrem certamente da sua intuição central: iniciar à vida cristã como encontro com a gratuidade da Palavra de Deus feita carne em Jesus Cristo, salvação para a vida humana, conforme o testemunho da Escritura.

Os malefícios foram a conseqüência trágica da *divisão* da Igreja. Não pretendida num primeiro momento, aceita depois como saída de emergência, consolidou-se finalmente e se tornou o maior escândalo para a credibilidade do Evangelho de Jesus Cristo, a ponto que o teólogo protestante Pannenberg pôde afirmar: “Longe dos reformadores a intenção de separar da Igreja católica umas Igrejas evangélicas particulares. Essa foi uma saída de emergência. Originariamente a Reforma pretendia renovar toda a Igreja. A existência de uma Igreja evangélica e reformada representa, assim, não o triunfo, mas o fracasso da reforma”⁹.

⁸ Uma interessante “notícia histórica” sobre os catecismos e outros compêndios de doutrina cristã encontra-se na Introdução, de V. Pires Martins, ao *Catecismo Romano*, Petrópolis: Vozes, 1962², pp. 16-49.

⁹ W. PANNENBERG, “Reformation und Einheit der Kirche”, in: IDEM, *Ethik und Ekklesiologie*. Ges. Aufsätze gen 1977, 255; vgl. zum Ganzen ders., *Christentum in einer säkularisierten Welt* (Freiburg 1988), Ebd. 256. Citado por K. KOCH, “Tragik oder Befreiung der Reformation? Unzeitgemäße Überlegungen aus ökumenischer Sicht”, *Stimmen der Zeit* 117 (1992/4) 234-246.

O teólogo católico, por sua vez, vê-se constrangido a reconhecer a insuficiência, quando não o fracasso, da reforma romana, que, ao tornar-se incapaz de acolher as legítimas propostas reformatórias de Lutero e configurar-se como contra-reforma, não foi capaz de encontrar uma resposta que alcançasse a raiz profunda dos males que afligiam a Igreja. A reforma tridentina, ao opor-se à reforma protestante que se propunha atingir os níveis institucional e doutrinal da Igreja, centrou-se na reforma moral e disciplinar, especialmente do clero. Tivesse sido ouvido por Roma o premente apelo de Lutero por um Concílio, ou tivesse Lutero escutado Roma quando esta – tarde demais! – se dispunha a ceder, a reforma da Igreja poderia ter encontrado o seu caminho¹⁰. Mas, como afirmou acertadamente Albert Brandenburg em 1969, somente com o Vaticano II veio a resposta da Igreja romana aos apelos de Lutero¹¹.

A reforma romana reconheceu o protesto luterano da falta de contato do povo de Deus com a Palavra divina e empenhou-se em incentivar a pregação, declarada pelo Concílio de Trento como o mais importante *mínus* ou dever ministerial dos Bispos. Normas disciplinares bem precisas foram dadas a respeito da explicação do evangelho e da catequese. Catecismos¹² foram escritos para incentivar a formação cristã. Em muitas paróquias, começou-se e ensinar o catecismo aos domingos de tarde.

O preconceito do caráter sacro e intocável do latim como língua litúrgica, que perdurou até as vésperas do Vaticano II, impediu à reforma católica medidas que teriam atingido melhor o âmago da crise. Tais teriam sido a proclamação da Palavra na liturgia e a celebração dos sacramentos em língua vernácula. Dessa forma perpetuou-se durante séculos a carência da integração da catequese no processo global da evangelização, do qual a liturgia é parte essencial.

Embora tanto na Igreja romana como nas Igrejas reformadas, devido às circunstâncias de que falávamos, a ênfase da catequese recaísse na instrução, as Igrejas reformadas, ao celebrar a liturgia em língua vernácula, se aproximavam mais da prática antiga da catequese como iniciação à vida

¹⁰ “Tivesse sido levada a termo a reforma católica, tão necessária, ter-se-ia tirado à reforma protestante sua razão de ser” como afirmava já no século XVI o humanista Gerhard Lorich”, K. KOCH, *art.cit.*, p. 235.

¹¹ A. BRANDENBURG, *Luther gegenwärtig. Katholische Lutherstudien*, Paderborn, 1969, p. 146. Cit. por K. KOCH, *art. cit.* p. 235.

¹² Catecismos anteriores ao Concílio de Trento reconhecem o que havia de positivo no protesto da Reforma: o valor da fé como começo e fundamento da salvação. Insistem na integridade da fé, mas também no ato mesmo da fé e a sua significação religiosa, como entrega pessoal e confiada a Deus. Em 1566 aparece o Catecismo Romano, redigido por decreto do Concílio e publicado por ordem de Pio V. Na sua redação intervieram S. Carlos Borromeu e vários teólogos da ordem dominicana. Nas suas linhas aparece em relevo o pensamento central do cristianismo: o desígnio salvador que parte de Deus. A influência da polémica com protestantismo é nele muito menor do que se poderia esperar, dado o contexto da sua publicação.

da comunidade. Mas ao ser rompida a unidade da Igreja de Jesus Cristo, configurada a partir de então em diversas confissões antagônicas, abria-se caminho à privatização da fé e à conseqüente proliferação de novas confissões cristãs. E isso foi fatal para o Evangelho chamado a ser fermento transformador da sociedade. Porque se é verdade que o Evangelho constitui a Igreja, e não o contrário, não o é menos que o Evangelho agrega à Igreja de Jesus Cristo, convocada por Deus, que enquanto tal deve ser *una*, como proclamam no símbolo da fé todas as confissões cristãs.

A Igreja pós-tridentina tentou enfrentar essa anomalia com uma catequese apologética, que considerava hereges todos os que estavam fora de suas fronteiras e assim poder compreender-se com a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Esta ficção só será desmentida oficialmente pelo Concílio Vaticano II que, ao referir-se aos cristãos de outras confissões, já não os denomina hereges, mas irmãos separados e não afirma sem mais que a Igreja católica romana “é” a Igreja de Jesus Cristo, mas apenas – mais modestamente – que “nela subsiste” a Igreja de Jesus Cristo.

Nesse contexto, para criar, nas diversas confissões, a consciência da pertença à Igreja de Jesus Cristo, acentuou-se o aspecto de *instrução* da catequese – instrução marcada ideológica e apologeticamente pela controvérsia – e os *catecismos* adquiriram importância crescente.

A descristianização crescente da sociedade foi pondo a descoberto a fragilidade dessa catequese. Começaram a aparecer diversas tentativas de renovação, que certamente, junto com outros movimentos renovadores – movimento litúrgico, movimento ecumênico, movimento teológico, movimento bíblico, Ação Católica – prepararam o húmus em que pôde germinar o ambicioso projeto do carismático João XXIII de uma renovação global da vida da Igreja, que, para tanto, deveria realizar-se num clima de diálogo entre as diversas confissões cristãs.

Conseqüências para a renovação da catequese do aggiornamento do Vaticano II

A catequese como iniciação à vida na Igreja “una” de Jesus Cristo só poderia encontrar seu caminho numa proposta de reforma da Igreja que retomasse os legítimos anseios da fracassada Reforma do século XVI e iniciasse um processo capaz de superar a tragédia da divisão daí originada.

As sucessivas renovações da catequese – bíblica, doutrinal, metodológica, querigmática –, apesar de seus méritos inegáveis, se mostraram e continuarão a se mostrar insuficientes enquanto não caminharem junto com a renovação da Igreja que, na intuição profética de João XXIII, tinha a pretensão do progressivo *aggiornamento* da Igreja de Jesus Cristo, fragmentada em confissões antagônicas. O concílio Vaticano II assim como os diálogos ecumênicos, que nele encontraram apoio e incentivo, são um teste-

munho eloqüente da vontade e da capacidade de reforma da Igreja de Jesus Cristo. Cabe, porém, perguntar-se até que ponto as Igrejas, como um todo, estão acolhendo esse testemunho.

Compreende-se facilmente por que, após mais de quarenta anos de inegáveis esforços de renovação da catequese, os seus frutos mostram-se ainda muito limitados. Sendo a catequese iniciação à vida na Igreja una de Jesus Cristo, sua renovação envolve a renovação da mesma Igreja.

O concílio Vaticano II, embora respondesse de alguma forma, como foi dito, ao pedido de Lutero de convocar um Concílio geral da Igreja no Ocidente, não podia ser tal no momento da convocação, porque isso suporia, nas diversas confissões cristãs, a consciência de uma Igreja na qual as diferenças deixassem de configurar-se como antagônicas, para se apresentarem como expressões reconciliadas da pluralidade cultural de uma só fé.

Ao convocar um concílio geral da Igreja católica romana, convidando como observadores representantes das Igrejas Orientais Ortodoxas e de confissões reformadas, João XXIII abriu o caminho às Igrejas, talvez sem ter clara consciência de todas as implicações para a uma autocompreensão capaz de superar os estreitos limites que elas têm de si mesmas em consequência das divisões seculares que as separam. Abrir as janelas do Vaticano ao sopro do Espírito significava confiar-se – e disto o papa João era bem consciente – Àquele cujo Espírito é como “o vento que sopra onde quer, ouve-se o seu rumor, porém não se sabe de onde vem nem para onde vai” (Jo 3,8). E assim aconteceu a uma Igreja que na aula conciliar iria dispondo-se, não sem tensões, a renascer do Espírito.

Os que podem ter entrado na aula conciliar com a consciência de que a confissão da sua Igreja era “a” verdadeira, contraposta às confissões das outras, embora evidentemente com o propósito de ouvir respeitosamente as razões “dos outros”, se confessam no encerramento solene do Concílio, “irmãos separados” da única Igreja de Jesus Cristo, dispostos a continuar uma caminhada que possa conduzir algum dia a convocação de um Concílio “ecumênico” da futura “*una, sancta, catholica Ecclesia*” (visível!) de Jesus Cristo. Nesse dia as diversas confissões da única fé, sem ter perdido a razão de ser que as suscitou, mas certamente com as correções surgidas no diálogo ecumênico, terão perdido seu caráter divisor possibilitando a unidade visível, na diversidade reconciliada, da Igreja de Jesus Cristo.

Um sonho? A visão da Igreja do Concílio permitia aos mais clarividentes acalantar esse sonho. A Constituições dogmáticas *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, e *Dei Verbum*, sobre a Revelação divina, os decretos *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais, e *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, embora nem sempre chegando às últimas consequências das afirmações básicas (obscurecidas às vezes por concepções remanescentes de uma eclesiologia herdada das controvérsias não resolvidas da Reforma) abrem horizontes ilimitados para a renovação da Igreja.

Os movimentos renovadores que possibilitaram o Concílio cobraram novo impulso. A renovação bíblica e litúrgica e a renovação da catequese adquiriram força surpreendente. Quem não lembra a repercussão da semana internacional de Catequese em Medellín, que precedeu e em grande parte inspirou os documentos do Episcopado Latino-americano? Seguiram-se Puebla e Santo Domingos¹³. E em nível de Igreja universal, os Sínodos sobre Evangelização e Catequese, com os documentos pontifícios deles emanados¹⁴. Tudo no meio de tensões que a renovação conciliar suscitava e que não pode menos de refletir-se em algum desses documentos.

O movimento ecumênico progrediu também. Mas no âmbito da consciência geral das Igrejas houve um retraimento. Os progressos que certamente continuam até hoje são fruto, em grande parte, da persistência de grupos restritos e especializados.

Quem, a quarenta anos de distância da conclusão do Concílio, quiser fazer um balanço dos resultados do esforço renovador da catequese, possivelmente sentir-se-ia decepcionado. Em algumas comunidades caminhou-se muito, certamente. Em outras, tem-se a impressão de que o resultado não corresponde aos esforços. Em muitos ambientes manifesta-se abertamente um recuo com relação às esperanças nascidas nos anos que se seguiram ao Concílio.

Um diagnóstico que queira atingir o cerne da problemática envolvida terá que centrar-se no tema da “comunidade cristã como catequese viva”, tema que envolve este outro mais amplo: “a Igreja una de Jesus Cristo como catequese viva”¹⁵. Dito de outra forma: a catequese, como iniciação à vida em Cristo no seio de uma comunidade, que, enquanto cristã, é presença, num lugar, da totalidade da Igreja de Jesus Cristo, só poderá atingir seu objetivo de forma satisfatória se for obra de toda a comunidade. A função do catequista não pode ser mais do que um dos muitos fatores que concorrem para o resultado dum processo que exige o envolvimento de toda a vida de uma comunidade que, em comunhão com todas as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo, deve testemunhar, com transparência, a

¹³ Em Medellín foi proposta uma catequese libertadora para os povos da América Latina. A 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano leva adiante as propostas de Medellín insistindo na necessidade de Evangelizar as culturas. Cf. “A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado latino-americano”. A 4ª Conferência, em Santo Domingos, propugna uma catequese querigmática, inculturada e transformadora.

¹⁴ “Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*” do Papa Paulo VI, de 8 de dezembro de 1975. “Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*” do papa João Paulo II, de 16 de outubro de 1979.

¹⁵ A crise da catequese se apresentará então como crise das comunidades cristãs. Ver uma reflexão neste sentido, aplicada à paróquia, em N. METTE, “La communauté chrétienne comme catéchèse vivante”, em *Lumen Vitae* LV/2 (2000) 139-148. No âmbito universal, caminhar para ser “catequese viva” implica para a Igreja caminhar para superar as divisões, fazendo do empenho ecumênico uma das dimensões essenciais da sua pastoral.

gratuidade da salvação oferecida em Jesus Cristo a toda a humanidade. Somente assim, o anúncio do Evangelho se revelará como boa notícia para todos.

Fala-se com frequência em crise da formação religiosa e da catequese. Procura-se a razão dessa crise nos condicionamentos do homem moderno. Tenta-se, às vezes, adaptar o Evangelho, como objeto de consumo, às demandas das pessoas modeladas pela sociedade. Há fragmentos de verdade nessas análises, mas não será atingida a raiz da crise enquanto não se perguntar pela fidelidade da comunidade evangelizadora ao Evangelho de Jesus Cristo.

A comunidade cristã como catequese viva

O Rito da Iniciação Cristã dos Adultos, que restaura o catecumenato em várias etapas, mostra bem como toda a comunidade cristã é responsável pela catequese. Durante a segunda e a terceira etapas, – tempo do catecumenato propriamente dito – o núcleo da catequese consiste na celebração da liturgia da Palavra, junto com a comunidade. É claro que deverá haver também alguma catequese especial, “ministrada pelos sacerdotes, diáconos ou catequistas, ou outros leigos”, para uma melhor compreensão dessa celebração e das suas implicações na vida cristã, mas tudo convergirá para o momento da celebração litúrgica da Palavra, no qual tem lugar a “iniciação” à escuta e acolhida de uma Palavra pronunciada pelo próprio Deus no coração do catecúmeno, em comunhão incipiente com a comunidade.

Fazer, no seio da comunidade, a experiência espiritual de reconhecer e acolher uma Palavra, cuja origem, para além dos lábios humanos que a proclamam, remonta ao Deus vivo, é o cerne irrenunciável da iniciação cristã. Para essa experiência concorrem os gestos “sacramentais” que acompanham o processo do catecumenato e de maneira mais incisiva no tempo da terceira etapa: a eleição.

Na quarta etapa do catecumenato, a iniciação à escuta da Palavra divina torna-se catequese mistagógica, ou seja, explicação da mistagogia ou “iniciação aos mistérios” que teve lugar ao longo de todo o processo do catecumenato, concebido como iniciação progressiva à vida da comunidade cristã. Os sagrados mistérios da morte e ressurreição do Senhor, os sacramentos pascais, celebrados solenemente na Vigília Pascal, são aprofundados na celebração litúrgica da Eucaristia durante o tempo Pascal.

Não se trata do término do processo de iniciação, mas do começo de uma vida que deverá prolongar-se ao longo de toda a existência. O crescimento da experiência espiritual – que com toda propriedade pode ser chamada de “mística” – do memorial da morte e ressurreição do Senhor, ajudará a aprofundar a experiência vivida na noite pascal do banho Batismal e da Consagração ao Cristo com o santo Crisma. Já mostrei em outro artigo, que

o processo de iniciação cristã dos adultos pode inspirar e configurar o processo de iniciação cristã das crianças batizadas em tenra idade, que são a maioria em nossas comunidades¹⁶.

Pois bem, se for assim, fica patente que o sujeito principal da catequese é a comunidade cristã, por ser sujeito da celebração litúrgica como afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia. Da qualidade da celebração da Liturgia, da sua autenticidade, da sua transparência depende em grande parte o resultado da catequese como iniciação permanente à vida cristã. E isto obriga a afirmar que depende da qualidade da vida toda da comunidade cristã – porque os sacramentos são sinais de realidades que acontecem na vida toda.

Comunidade cristã num contexto de pluralismo religioso

No panorama em que se encontra hoje o indivíduo, perante o pluralismo anárquico de ofertas religiosas, a função catequética da comunidade cristã, integrando a ação específica dos catequistas com a ação toda da comunidade, torna-se mais necessária e também mais complexa. O catequista anuncia Jesus Cristo, mas este só pode ser encontrado na comunidade cristã que crê, vive e celebra o Mistério de sua presença reveladora de Deus. É no seio dessa comunidade que se dá o encontro com o Cristo e a resposta da fé.

Quem escuta o anúncio de Jesus Cristo, perdido na multiplicidade de propostas religiosas, das quais muitas apelam ao seu nome, explícita ou implicitamente perguntará: Onde O encontro de verdade? O catequista não pode responder outra coisa senão: “Venha e veja”, conduzindo o indivíduo à comunidade através de um processo de iniciação. A imagem de Cristo apresentada pelo conjunto da vida da comunidade – catequese, celebrações litúrgicas, serviço da justiça e da caridade – será decisiva no processo da iniciação.

A fé cristã autêntica e adulta surge quando uma pessoa reconhece, na figura de Jesus Cristo, presencializada significativamente pelo testemunho eclesial do querigma, o próprio Deus dirigindo-se a ela e convidando-a a estabelecer com Ele uma relação de amor. Reconhecer Deus significa reconhecer, implícita ou explicitamente, a resposta última às perguntas que a existência põe.

A experiência de Deus envolve a totalidade da experiência humana. Por ser experiência do sentido radical da totalidade da existência, deve ser pensada como consciência de uma Presença transcendente que penetra toda outra presença particular, dando-lhe o sentido último, ou seja, como Presença onipresente. Isto significa que a experiência de Deus, na atual condição humana é sempre mediada pela experiência dos outros e do mundo.

¹⁶ “Iniciação Cristã”, em *Revista de Catequese* 23/91 (2000) 5-18.

Eis por que a catequese para conduzir a uma experiência de Deus, capaz de amadurecer com o amadurecimento da vida, terá que ajudar a pessoa à compreensão progressiva da sua existência e do mundo que a circunda. É dentro dessa visão de si e do mundo, que a figura de Jesus Cristo, apresentada pelo conjunto da vida da comunidade evangelizadora, deverá ser reconhecida como Palavra de Deus que pede uma resposta de entrega incondicional.

Embora a fé seja encontro com a pessoa do Cristo, fala-se de “figura” porque o encontro pessoal é sempre mediado por uma figura que é o resultado do conjunto de meios — proclamação da palavra bíblica, catequese, testemunho de vida, formas de oração — empregados pela comunidade na sua missão evangelizadora.¹⁷

A fé é sempre um caminhar, um processo. A forma do processo será diferente conforme se trate de criança, adolescente ou adulto e conforme as circunstâncias do entorno familiar e de todo o contexto social. Isso coloca a comunidade cristã em estado de missão permanente e de constante reflexão sobre a própria fé. O grande desafio para a catequese do futuro será a integração na comunidade dos diversos aspectos que compõem sua missão de iniciar à vida cristã. Não existem fórmulas mágicas, mas a continuidade do paciente e nunca terminado caminho de renovação empreendido a partir do Concílio Vaticano II em todos os níveis da vida eclesial.

Não se trata de propor novas metodologias ou novos conteúdos catequéticos que *viessem substituir* as anteriores, mas de recolher o longo e fecundo caminho de renovação, nos seus diversos aspetos – pedagógico, querigmático-narrativo, profético, ecumênico – e *integrá-los progressivamente* com a totalidade da vida da comunidade cristã. Nesse processo a catequese influenciará a vida da comunidade – a sua liturgia, a sua pastoral, os seus engajamentos sócio-políticos – e a vida da comunidade influenciará a catequese¹⁸.

Recordando os passos da renovação catequética

Lembremos brevemente algumas das etapas da renovação catequética e suas contribuições que devem permanecer e ser levadas adiante.

¹⁷ A reflexão sobre este problema de teologia fundamental da Evangelização é de grande fecundidade para encontrar caminhos de configuração da catequese nas diversas idades e ambientes culturais. Tratei disto, sobretudo em relação com o contexto latino-americano, em *Conhecimento de Deus e Evangelização*, *op. cit.*, pp. 69-164.

¹⁸ Lamentavelmente em muitas ocasiões a função da catequese confundiu-se com a função do ensino religioso. A falta de clareza no objetivo de ambas impediu o progresso. O ensino religioso deve respeitar o pluralismo de crenças e por isso sua principal função é mostrar como o encontro com o Mistério transcendente realiza-se através das diversas concretizações históricas das religiões. A catequese supõe uma primeira adesão, ou ao menos um incipiente desejo de aderir a uma comunidade de fé e por isso é essencialmente iniciação à vida dessa comunidade. Não pode ser mera informação sobre a doutrina.

1. Renovação metodológica.

Começa nos alvares do século XX, embora tenha precedentes anteriores. Nascida num contexto em que o ensino da religião tinha-se deslocado da paróquia para a escola, carrega até hoje algumas das conseqüências do seu lugar de origem. Preocupa-se sobretudo com aplicar ao aprendizado religioso os avanços pedagógicos do ensino escolar. A memorização das perguntas e respostas do catecismo e a explicação sucinta das mesmas são substituídas pelo método progressivo ou evolutivo, chamado também psicológico¹⁹. Partindo-se de alguma imagem, estória ou experiência da criança, fácil de ser apreendida de forma intuitiva, desenvolvem-se as afirmações doutrinárias do catecismo.

Suas conquistas perduram até hoje. Suas limitações nascem de não levar suficientemente em conta a diferença que existe entre o aprendizado de conhecimentos profanos e a pedagogia da fé. O movimento querigmático que veio depois ajudou a refletir sobre esta pedagogia específica.

No momento atual as reflexões metodológicas são estudadas sob o ângulo da comunicação da fé, integrando os aspetos teológicos da tradição da fé com os avanços das ciências ou artes da comunicação.

2. Movimento querigmático.

A corrente querigmática da renovação da catequese, indo além do método de ensino dos conteúdos do catecismo, questiona os próprios conteúdos. Não enquanto verdades doutrinárias, corretas e válidas num compêndio de teologia, mas inadequadas num instrumento que, por definição, destina-se à comunicação da fé. A catequese tem como função fazer ressoar a Palavra de Deus no diálogo da comunidade crente com os que estão sendo iniciados à vida de fé. Como é afirmado na Exortação apostólica *Catechesi tradendae* (nº 6) “somente Cristo ensina; qualquer outro que ensine, o faz na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca”.

Num contexto em que a fé já não é pressuposto necessário da inserção na sociedade, o catecismo como conjunto de verdades que *devem* ser cridas, de sacramentos que *devem* ser recebidos e de preceitos que *devem* ser praticados, torna-se incapaz de fazer ressoar a Palavra divina, feita carne em Jesus Cristo, como boa nova de salvação, proposta à liberdade humana²⁰.

¹⁹ Conhecido como Método de Munique, por ter sua origem no Movimento catequético que teve lugar nessa cidade. Cf. J.A. JUNGSMANN, *Catequética*, Barcelona, Herder, 1966, pp. 40ss.

²⁰ A publicação do *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* não, deve de forma alguma, substituir o processo que deve ser sempre culturalmente situado da evangelização, como o Papa Bento XVI afirma no discurso de 28 de Junho de 2005, apresentando-o

Como mostra A. Fossion²¹, a renovação querigmática provoca um triplice deslocamento em relação ao catecismo tradicional.

- A catequese concebida como processo de comunicação: anúncio de uma mensagem e convite a responder livremente pela fé.
- A adoção de um estilo narrativo. A catequese centra-se na narração da História da salvação que tem seu cume em Jesus Cristo.
- A atenção à pessoa do destinatário da mensagem.

3. Ênfase antropológica

No caminhar da corrente querigmática da catequese em alguns ambientes, enfatiza-se a atenção à pessoa do destinatário. Procuram-se experiências da vida cotidiana que possam oferecer um meio favorável à recepção da mensagem como boa nova e assim possibilitar a livre resposta da fé²².

Quando a atenção ao indivíduo é projetada no seu contexto cultural, fala-se de *inculturação* da catequese. A própria história da tradição da fé mostra uma diferença notável entre os escritos da fé cujos primeiros destinatários são os judeus, e aqueles que se dirigem ao mundo greco-romano.

4. Catequese narrativa

De alguma forma toda catequese querigmática, como foi dito, adota um estilo narrativo. Centra-se na História da Salvação.

A corrente da catequese denominada narrativa enfatiza a narração da “história de Jesus”²³. Teve um desenvolvimento nos ambientes da África em que predomina a cultura “oral” sobre a cultura escrita.

6. Catequese histórico-profética

A própria dinâmica da catequese querigmática, centrada na proclamação da boa nova de Jesus, nos contextos de gritante desigualdade e injustiça social, levou a acentuar o caráter profético do querigma cristão. Nesses contextos, o anúncio da mensagem de Jesus só pode apresentar-se como

“como o modelo para o qual olhar incessantemente, em vista de encontrar a exposição harmoniosa e autêntica da fé e da moral católica, e como o ponto de referência, que deve estimular o anúncio da fé e a elaboração dos Catecismos locais” (<http://www.vatican.va>).

²¹ A. FOSSION, *La catechèse dans le champ de la communication. Ses enjeux pour la inculturation de la foi. = Cogitatio Fidei*, n. 156, Paris: Cerf, 1990, pp. 168 s.

²² Sobre as implicações antropológicas da catequese ver: J. GEVAERT, *Antropologia e Catechesi*, Torino-Leumann: Elle Di Ci, 1971.

²³ Cf. J.A. RUIZ DE GOPEGUI, “O processo narrativo na catequese. Linguagem e interpretação”, in M. PASSOS (org.), *Uma História no Plural. 500 anos do movimento catequético brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 183-200.

boa nova denunciando profeticamente as injustiças e anunciando uma nova ordem social.

A Semana Internacional de Catequese de Medellín foi o ponto da partida desta corrente catequética que não poderá ser abandonada sem trair o Evangelho d'Aquele que proclamou bem-aventurados os pobres.

5. Catequese de adultos inspirada no catecumenato antigo

Anteriormente, nas semanas internacionais de catequese de Bangkok (1962) e Katigondo (1964) tinha-se refletido sobre a catequese em contexto missionário. Inspirando-se no catecumenato da Igreja antiga, propõem-se três etapas no processo catequético. Uma *primeira etapa* chamada de *pré-evangelização*, fundamentalmente dialogal, na qual, partindo principalmente da experiência e das aspirações da pessoa humana, se buscaria despertá-la para o sentido de Deus, preâmbulo necessário para a acolhida de uma possível mensagem divina.

Só depois poder-se-ia pensar numa *segunda etapa*, chamada de *Evangelização* em que seria proposta de maneira sucinta e global a História da Salvação culminando no anúncio de Jesus Cristo e o seu chamado à conversão.

Após a conversão ao Evangelho, viria a *terceira etapa*, denominada de *catequese*, que, desenvolvendo e aprofundando a mensagem cristã, conduziria à firmeza na fé e à plena integração na comunidade cristã.

Vê-se uma certa correspondência dessas etapas com as etapas do catecumenato antigo. A introdução do Rito da Iniciação Cristã de Adultos, promulgado em 1972, para responder ao pedido do Concílio Vaticano II de restauração do Catecumenato, distingue quatro etapas no processo de Iniciação cristã: A Evangelização e o Pré-catecumenato, o Catecumenato, o tempo da purificação e iluminação, a iniciação aos sacramentos e o tempo da Mistagogia.

Sem pretender enrijecer a distinção das etapas de pré-evangelização, evangelização e catequese, não há dúvida de que ela traz luz a muitos dos problemas apresentados à catequese numa cultura pós-cristã. Por outro lado, ao deslocar o centro da reflexão da catequese da infância e da adolescência para a catequese de adultos²⁴, dá-se um passo decisivo para a compreensão do processo catequético em todas idades.

²⁴ No documento “*Catequese Renovada*”, aprovado pelos Bispos do Brasil na 21ª Assembleia Geral, em 15 de abril de 1983, afirma-se: “A Catequese comunitária de adultos, longe de ser apêndice ou complemento, deve ser o modelo ideal e a referência, a que se devem subordinar todas as outras formas de atividade catequética. Ela deve receber uma atenção prioritária em toda paróquia e comunidade eclesial de base”, n. 120.

Algumas causas da insatisfação com os resultados da renovação catequética

O desenrolar da renovação catequética, aqui apresentado demasiado sucintamente, mostra a complexidade de fatores envolvidos no processo catequético. Eles devem ser conjugados harmonicamente de forma criativa, em diálogo permanente com os destinatários da catequese e seu entorno sociocultural.

As causas de não terem produzido os resultados esperados podem ser múltiplas e não devem conduzir à sensação de fracasso e menos, como acontece às vezes, à decepção com os novos caminhos, atribuindo a eles os resultados escassos, e à tentativa de “restaurar” os antigos como solução às dificuldades que a catequese experimenta apesar dos esforços de renovação.

Vários fatores podem ser assinalados na origem dessas dificuldades:

- 1) O primeiro e talvez o mais decisivo é a crescente descristianização da sociedade e o pluralismo anárquico de ofertas religiosas, que encontra mercado fácil num povo carente de recursos materiais e de valores autênticos e seduzido pela oferta massiva dos bens de consumo, através da propaganda que desrespeitosamente invade os lares. A aceleração vertiginosa das transformações da sociedade exige uma constante renovação dos meios de evangelização.
- 2) A renovação pós-conciliar da catequese implica a renovação da comunidade cristã em todos os níveis eclesiais e, como é sabido, a recepção do *aggiornamento* proposto pelo Vaticano II está longe de ter chegado a todos eles. Os movimentos de “restauração” que surgiram como reação à renovação conciliar afetaram também a catequese. O *aggiornamento* conciliar só será autêntico se concebido dinamicamente. A pretensão de responder aos apelos do mundo moderno, em contínua transformação, exige respostas que acompanhem essa vertiginosa transformação.
- 3) A formação dos catequistas freqüentemente deixa muito a desejar. O entusiasmo dos anos que seguiram o Concílio arrefeceu, conseqüência também do fator indicado no item anterior a respeito da recepção do Concílio. O susto suscitado pelas implicações da renovação eclesial proposta pelo Concílio, teve um impacto negativo no âmbito da renovação da catequese.

Os Institutos Superiores de Pastoral Catequética, surgidos no Brasil após o Concílio, acabaram desaparecendo por não terem apoio suficiente da hierarquia eclesiástica quando não a oposição aberta. Interveio também a falta de consciência eclesial da importância da catequese e da complexidade da reflexão por ela exigida. A ausência de Estudos Superiores na área da catequese e a ênfase dada aos “cursos de Teologia” para o povo, mostra que a catequese continua a ser considerada assunto de crianças e a formação de

catequistas questão de simples recursos pedagógicos. Esse ponto deveria ser objeto de séria reflexão da Igreja no Brasil. Falta uma reflexão em nível superior sobre evangelização e catequese. A complexidade do seu objeto, que deverá conjugar reflexão teológica, exegética, antropológica, cultural e ciências da comunicação, em diálogo interdisciplinar, põe em evidência que não basta acrescentar umas elementares noções de metodologia à os conhecimentos teológicos para responder aos grandes desafios que o mundo contemporâneo apresenta à evangelização.

4) A catequese não pode ser considerada apenas como um setor da vida eclesial, aos cuidados de um grupo especializado (necessário certamente). Exige o empenho e envolvimento de toda a comunidade. Em primeiro lugar, é claro, de quem preside a comunidade. Na Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, dirigindo-se aos bispos o Papa lhes diz: “caríssimos Irmãos, tendes neste campo uma missão particular nas vossas Igrejas; sois aí os primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência” (nº 63).

5) Destinatários da catequese não são apenas as crianças e os adolescentes, mas toda a comunidade. Os adultos em primeiro lugar, já que os pais são os responsáveis primeiros da iniciação cristã dos filhos. Constata-se com frequência o fato dos pais enviarem os filhos à catequese paroquial, enquanto eles próprios raramente freqüentam com eles a assembléia dominical. As crianças o lamentam perante os catequistas e apontam essa situação incômoda como motivo de não serem assíduas à celebração da comunidade. Os recentes documentos oficiais urgem a necessidade de uma catequese permanente.

Todas estas causas apontam para o centro nevrálgico da renovação catequética: a comunidade evangelizadora.

Integração dos diversos aspectos da renovação catequética na vida da comunidade

Sem negar o ministério específico dos catequistas para as diversas idades, a comunidade eclesial – paróquia ou comunidade de base – deve tomar consciência de ser ela, como um todo, o sujeito da catequese. Isto significa que toda sua vida – sua estruturação comunitária, suas celebrações litúrgicas, sua ação missionária, seus serviços sociais e atitudes políticas – deve ser catequese viva, contribuindo para o crescimento da fé de cada membro da comunidade. Exige também que todos esses aspetos da vida da comunidade reflitam o que é transmitido nas catequese específicas.

Haverá dessa forma uma interação recíproca entre os esforços renovadores da catequese e a configuração da vida da comunidade. Bastem alguns

exemplos, apresentados apenas como esboços sugestivos. Cada um deles requereria um amplo desenvolvimento.

A *catequese querigmático-narrativa* é bem mais do que a aplicação do método pedagógico de “contar histórias” de forma interessante. É uma catequese que se inspira no processo da gênese da fé cristã e da doutrina cristã, que é o mesmo processo da formação dos escritos bíblicos. O Credo cristão, como o Credo israelita, não consiste numa doutrina abstrata. Ele é a narração da criação do mundo e do homem em Cristo, da sua redenção e da sua transfiguração no Cristo morto e ressuscitado, pelo poder do Espírito de Deus.

Pois bem, se uma comunidade opta por essa forma de catequese, por fidelidade às suas origens bíblicas e apostólicas, deve configurar suas celebrações em consonância com ela. As celebrações litúrgicas – a eucaristia e os outros sacramentos – devem refletir a mesma estrutura da catequese querigmático-narrativa, mostrando com transparência uma comunidade à escuta da Palavra viva de Deus, feita carne em Jesus Cristo. Uma comunidade que, ao fazer memória dos eventos fundantes da sua fé, se deixa transformar por eles. Configurada em todas as dimensões de sua vida presente pelos mistérios que celebra, se torna presença sacramental para o mundo da ação salvífica do Cristo.

Isto tem inúmeras implicações impossíveis de desenvolver aqui. Em primeiro lugar: as celebrações dos sacramentos, salvo raríssimas exceções, deveriam realizar-se na assembléia dominical. Deveriam mostrar de forma intuitiva, sem necessidade de muitos comentários, o “mistério” que significam. As homilias que acompanham as celebrações deveriam ser “narrativas”, no sentido teológico expressado anteriormente, e mistagógicas, introduzindo ao “mistério” celebrado.

Uma catequese que segue o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, no caso (cada vez mais freqüente) de adultos que pedem o batismo, e nele se inspira também no processo de iniciação cristã de crianças batizadas em tenra idade, iniciará as crianças a ouvir a Palavra de Deus apoiando-se principalmente no Evangelhos e na freqüente celebração de atos litúrgicos, que conduzam à resposta da fé, exigida pelos sacramentos de iniciação recebidos antes de que se tenha capacidade de dar uma resposta pessoal. Mas ao mesmo tempo exigirá da comunidade mudanças na celebração do batismo de crianças.

Quando uma comunidade começa a realizar o batismo de crianças na assembléia dominical, em diversas etapas para que transpareça a força de cada um dos ritos fundamentais, essa comunidade percebe-se gradualmente como instrumento da ação do Cristo, seu sacramento, seu Corpo. As crianças, já crescidas, que freqüentemente participam com os pais da celebração do batismo de outras crianças, vão sendo iniciadas muito natural-

mente nos mistérios celebrados com eles quando nenês. A experiência tem mostrado que a prática consegue, em pouco tempo, levar à assimilação e interiorização dos mistérios cristãos o que repetidas explicações doutrinárias não alcançavam²⁵.

Já o primeiro gesto de acolhida e o sinal da cruz, feito em diversas partes do corpo, inspirado no Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, e já previsto como possibilidade no novo ritual do batismo de crianças, manifesta à comunidade, mais do que qualquer doutrinação, o seu envolvimento no gesto. Acolher uma criança e marcá-la em todo seu ser com o sinal da cruz, significa comprometer-se a ajudá-la a crescer na vida sob esse sinal de amor e de contradição, através de gestos que têm no Senhor a sua origem e a sua força. O Senhor marca com o sinal da cruz a criança – sem sombra nenhuma de mágica – porque o faz através do gesto do seu corpo eclesial, que se prolongará em outros gestos posteriores, capazes de suscitar na criança, mais tarde, a acolhida pessoal da ação de Cristo.

A unção com o óleo dos catecúmenos é sacramento do Cristo, enquanto é invocação do dom do Espírito de fortaleza, nos lábios e no gesto de uma comunidade que ao fazê-lo sabe-se comprometida na iniciação progressiva da criança à “vida filial e fraterna” do Filho, no meio de um mundo em que a tentação e a ilusão de “ser como deuses” ameaça constantemente a vida filial e fraterna dos filhos de Deus.

O banho nas águas batismais manifesta a purificação do pecado que o cristão deverá experimentar ao longo da sua existência, de diversas formas e por diversas ações penitenciais, mas sempre como dom de Cristo, surgindo do batismo.

A unção com o santo crisma, que exprime a consagração ao Cristo, sacerdote, profeta e rei, incorporando o batizado ao povo profético, sacerdotal e servidor do reino de Deus no mundo, não inaugura uma experiência que deverá ir desabrochando ao longo da vida, como a flor brota do botão, no seio da comunidade cristã e com sua ajuda ao longo da vida?

Uma *catequese histórico-profética* só se apresentará como verdadeira se é realizada por uma comunidade comprometida nas lutas para a superação das gritantes injustiças sociais de nosso povo.

Poderiam ser considerados outros muitos aspetos da interação recíproca entre catequese e comunidade cristã. Queremos apenas, para terminar, chamar a atenção para um aspecto, às vezes esquecido, que se apresenta, no pluralismo religioso de nosso dias, como condição indispensável para

²⁵ Tratei disto mais extensamente no artigo citado anteriormente “Iniciação Cristã”, *Revista de Catequese* 23/91 (2000) 5-18.

a credibilidade do Evangelho. A **catequese** e, conseqüentemente, a **comunidade evangelizadora** devem ser *ecumênicas e abertas o diálogo inter-religioso*.

Isto tem muitas implicações. Iniciar à vida na Igreja “una” de Jesus Cristo num contexto de inúmeras confissões cristãs que apelam ao seu Nome, significa iniciar no reconhecimento da culpa de todas elas, por essa situação anti-evangélica, em espírito de abertura e diálogo com aquelas comunidades eclesiais que anseiam e procuram a unidade da Igreja de Jesus Cristo e de compreensão e tolerância (embora crítica) com as outras.

Com relação às religiões não cristãs, significa ajudar o olhar da fé a reconhecer a pluralidade de caminhos da providência divina para a salvação universal proclamada por Cristo. Isto deve ser feito desde os alvares do processo de iniciação cristã, que só irradiará sua luz reveladora quando se leva em conta o contexto em que o anúncio de Cristo é feito. Esse contexto, nos dias de hoje, aparece escancarado aos olhos das crianças.

A catequese quarenta anos após o Concílio: desafios e esperanças

Quarenta anos após o Concílio Vaticano II – bem mais de quarenta anos de esforços de renovação da catequese e da Igreja, já que o Concílio foi fruto desses esforços que o precederam – são um momento privilegiado para retomar o impulso que o sopro criador do Espírito, sem proporção com os preâmbulos que o precederam, deu à missão evangelizadora da Igreja.

Haverá de estranhar que o impulso renovador do Espírito tenha assustado a muitos e suscitado resistências, movimentos de “restauração” e tentações de volta à “tranquila segurança” dos velhos e já trilhados caminhos? Não foi essa a tentação no deserto do povo libertado do Egito?

Os evangelhos sinóticos descrevem simbolicamente o ministério de Jesus, a serviço da boa nova, como um “caminhar no deserto”, exposto à tentação. O cerne do Concílio, a chave mestra da sua interpretação, é o convite do Espírito à Igreja (leia-se também às Igrejas) a escutar a Palavra de Deus, feita carne em Jesus Cristo. Um convite a voltar decididamente à soberania do Evangelho. Sendo assim, não podia deixar de ser convite a empreender uma marcha através do deserto. Deserto que se torna cada dia mais assustador ao acolher o desafio inadiável do Concílio de dialogar com o mundo moderno e as suas aceleradas transformações, geradoras de injustiças, mas que devolve à vida da Igreja a certeza e a alegria do seguimento do Cristo até a cruz para a libertação de todos os povos. Na Cruz, o caminhar no deserto mostra-se conduzindo ao paraíso. “Hoje estarás comigo no Paraíso”(Lc 23,43).

Renovação Conciliar ou, mais concretamente, renovação da Igreja e renovação catequética condicionam-se mutuamente. Quem se deixou tocar pelo sopro do Espírito, nos anos pós-conciliares, quem, movido por esse sopro, se envolveu no sonho de uma Igreja que mostrasse com mais transparência o rosto do Cristo, e se comprometeu com a missão de anunciar a boa nova a um mundo dividido entre os sedentos de justiça e os indiferentes e impermeáveis aos valores eternos, saciados ou fascinados pelos bens terrenos, não pode voltar atrás.

Quem entrou de corpo e alma na renovação da catequese não se assustará com as dificuldades do caminho, não recuará diante da oposição ou da falta de aceitação da maioria nem cederá à tentação da procura do aplauso fácil, porque não empreendeu o caminho movido por oportunismos ou táticas de sucesso imediato, mas por fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo.

Juan Antonio Ruiz de Gopegui SJ, doutorou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, 1976) com a tese *Conhecimento de Deus e Evangelização*: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina, São Paulo: Loyola, 1977. É professor de Teologia do Instituto Santo Inácio - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte). Publicou pelas Edições Loyola (São Paulo), diversas obras de cunho catequético-pastoral: *Caminhos de libertação: caminhos da Igreja*, 1973; *Encontros com Deus na vida*, 1977 (4ª ed.); *Deus nos caminhos da história*, 1977 (7ª ed.); *Caminhos de Deus, caminhos dos homens*, 1986 (11ª ed.); *Jesus e o caminho de Deus*: iniciação cristã das crianças (6-8 anos), 1986; *A história de Jesus*: catequese para a primeira comunhão, 1986. Colaborou ainda nas seguintes obras coletivas: M. PASSOS (org.), *Uma história no plural*: 500 anos do movimento catequético brasileiro, Petrópolis: Vozes, 1999; J. KONINGS (org.), *Anchieta e Vieira*: paradigmas da evangelização no Brasil, São Paulo: Loyola, 2001.

Endereço: R. Roberto Lúcio Aroeira, 318
31710-570 Belo Horizonte – MG
e-mail: ruizgopegui@cesjesuit.br